



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

**OBSERVAÇÃO SOBRE A PEDAGOGIA GRIÔ NO TRABALHO DE SORAIA
NUNES MACHADO.**

Daniela Gomes de Oliveira

**ITAPEVA-SP
2015**

DANIELA GOMES DE OLIVEIRA

**OBSERVAÇÃO SOBRE A PEDAGOGIA GRIÔ NO TRABALHO DE SORAIA
NUNES MACHADO.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Artes,
habilitação em Teatro, do Departamento de
Artes Cênicas do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Angélica Beatriz Souza e
Silva.

**ITAPEVA-SP
2015**

DANIELA GOMES DE OLIVEIRA

**OBSERVAÇÕES SOBRE A PEDAGOGIA GRIÓ NO TRABALHO DE
SORAIA NUNES MACHADO**

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB – Universidade de Brasília, no Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas –CEN como requisito para obtenção do título de licenciatura em Teatro com nota final igual a MM sob a orientação do(a) professor(a) Mestra Angélica Beatriz Souza e Silva.

Itapetininga -SP, 09 de julho de 2016.



Professora Mestra Angélica Beatriz Souza e Silva



Professora Doutora Sulian Vieira Pacheco



Professor Mestre Rafael Augusto Tursi Matsutake

Ao meu pai, Marcelo Henrique de Oliveira, Amigo e exemplo. Em memória de minha mãe Eva e dos meus avós Pedra Travassos e Bento Henrique. Grata pela minha ancestralidade, fundamental na formação de quem eu sou.

AGRADECIMENTOS

Profundamente grata a Deus pela vida e pela oportunidade de chegar ao fim de mais um ciclo em minha vida. Ao meu pai, minha gratidão imensa e eterna, pela oportunidade de conquistar o mundo através dos livros que me ensinou a amar, sem eles e meu pai, a minha humanidade estaria perdida. Grata a meus avós pelas histórias de minha infância que me guiaram em direção à arte.

Em memória de minha mãe Eva Gomes Guimarães, minha mais profunda gratidão por sempre me deixar seguir, mesmo quando não concordava comigo. Ao meu companheiro na viagem dessa vida Marcio Roberto Neves da Silva por discordar e por concordar sempre, e por acrescentar muito em meu crescimento pessoal. Grata a meus filhos Augusto de Oliveira Thomaz primogênito e ao caçula Bryan Neves de Oliveira Silva por serem seres amorosos, que me ensinaram a ser um ser humano melhor. Aos meus amigos Celia Lolico e ao meu amigo Sued Alves, minha admiração. E um especial agradecimento a minha nova amiga, a professora Nelcy Pereira, que com paciência, consideração e amizade me auxiliou no término desse trabalho.

Aos idealizadores desse curso de licenciatura em Teatro por oportunizarem a chance da realização de um sonho. Aos tutores presenciais André Luiz Camargo e Edson Pinto, aos funcionários do polo, meus colegas da plataforma, a todos os tutores virtuais ao longo dessa jornada, meus companheiros de graduação os que chegaram ao fim e os que escolheram outros caminhos, minha mais querida lembrança. A minha Professora orientadora Angélica Beatriz fez essa caminhada comigo. Se amigo é aquele que incentiva e torce, também sou muito grata a Clara Lima Alonso. E por fim minha mais profunda gratidão a Soraia Nunes bailarina, colega de profissão, mas, sobretudo uma amiga que abriu para mim uma janela que trouxe um novo olhar para minha construção profissional.

“Na verdade, nosso diálogo com a morte deve ser diário. E, todos os dias, deveríamos nos perguntar: O que precisa morrer em mim hoje? O que precisa viver? Isso nos ajuda a olhar a vida com mais inteireza. Com responsabilidade. Com amor. Com gratidão. Não sabemos em que esquina nossa morte física nos espera. É importante que aprendamos a impermanência desse mistério chamado vida para valorizá-la. Apesar de um capítulo encerrar com a morte, nossa vida não acaba junto. Somos enciclopédia de muitos volumes!” (Autor Desconhecido).

RESUMO

Este trabalho investiga os conceitos de griô e de pedagogia griô e alguns pontos de associações entre eles e o trabalho de Soraia Nunes Machado, educadora, atriz e bailarina. Para isto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e entrevista com Soraia Machado. Em busca das definições dos conceitos selecionados, os principais autores e artistas utilizados para o embasamento teórico deste trabalho de conclusão de curso são Lílian Pacheco, Márcio Caires e Isaac Bernat. Para esta pesquisa foram selecionados os projetos: “Ciranda Griô” e “Casa da Terra-Mapeamento Griô” de Soraia Nunes Machado que possibilitam reflexões também sobre a tradição oral, a dança, o teatro e o reconhecimento da ancestralidade dentro dessa pedagogia. As observações serão embasadas nas observações e, sobretudo nas experiências de que ela participou diretamente e a partir dos relatos de seus projetos e de sua convivência com os autores Pacheco e Caires.

Palavras-Chave: Griô, Pedagogia griô, Soraia Nunes Machado.

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo 1 - Compreendendo a pedagogia griô	12
1.1 O Griô.....	12
1.2 Reflexões sobre a Pedagogia Griô – perspectivas no projeto Grãos de Luz e Griô.....	17
Capítulo 2 – Soraia Nunes Machado e a Pedagogia Griô	22
2.1 A experiência de Soraia Nunes Machado.....	22
2.2 - Projeto: Casa da Terra-Mapeamento Griô.....	25
2.3 - Projeto Ciranda Griô.....	27
Conclusão	30
Referências	33
Anexo	35

Introdução

A importância deste trabalho é proporcionar mais uma reflexão sobre o griô e a pedagogia griô relacionados com a tradição oral, e o reconhecimento da ancestralidade. Nessa relevância, o contato que tive com a educadora, atriz e bailarina Soraia Nunes Machado, foi fundamental para compreender essa pedagogia, pois, ela teve uma convivência com os educadores Márcio Caires e Lílian Pacheco, que desenvolveram essa pedagogia e são os autores utilizados como base teórica desta pesquisa.

Com o objetivo de realizar uma observação sobre a pedagogia griô, o trabalho de Soraia nos possibilita compreender melhor um dos caminhos possíveis que um artista pode seguir para desenvolver seu trabalho em diálogo com essa pedagogia, sem, contudo, ser o único. Para a realização dessa pesquisa, a metodologia utilizada é a revisão bibliográfica, completada pelo contato com os diários de bordo de Soraia Machado e aplicação de entrevista estruturada, respondida por ela.

Sabendo que a ancestralidade e a sabedoria popular, através do ato de contar histórias, são identificações pontuais que caracterizam os mestres griôs, apresento nessa pesquisa esses elementos dentro do trabalho de Soraia Machado. A escolha, em relatar as experiências dessa artista nasceu da forte identificação que tive com o seu trabalho. Minha primeira experiência artística data de 1988, quando fiz minha estreia no Teatro Municipal de Sorocaba. Particpei de várias peças teatrais com algumas Companhias de Teatro de 1989 a 1998, até que em 1999, me uni de forma pessoal e profissional ao diretor e ator Marcio Gouveia na Cia de Teatro “Sem Limites”. De 2000 a 2004 morando em Sorocaba, fizemos muitas apresentações em diferentes cidades até chegar à cidade de Itapeva para três apresentações agendadas na casa da Cultura da Cidade. Nessa ocasião, com muito sucesso, fizemos nove apresentações, no mesmo dia, da peça “Uma Consulta”, de Artur Azevedo. Em função desse sucesso, fomos convidados pelo secretário de Cultura, na época, Newton de Moura Müzel para voltarmos um mês depois para mais três apresentações. Na volta para a cidade de Itapeva, para cumprir essas apresentações, recebemos um convite da Secretaria Municipal de Educação, através da Secretária Mady Rolim, para monitorar um projeto de teatro dentro das escolas de Ensino Fundamental I e II.

No ano de 2004 a Cia de Teatro “Sem Limites” se estabeleceu na cidade de Itapeva/S.P para desenvolver, ao longo dos anos, vários projetos: “Teatro na Escola”, “Caravana de Teatro na Zona Rural”, que consistiam em oficinas para professores e alunos da

rede Pública de Ensino. Em 2010, com o intuito de melhorar meu desempenho, e dar continuidade aos projetos que desenvolvia na Educação, entrei para a Universidade Federal de Brasília - UnB. Tive durante as disciplinas que cursei algumas oficinas, destaque, entre elas, a oficina de história da professora Mestra Doutora Luciana Hartmann.

Essa oficina ocorreu em 2012, no Polo de Itapetininga, e foi a principal razão que me fez desenvolver em 2013 um projeto voluntário como contadora de histórias, movida por um sentimento pessoal e de muita paixão. Para esse projeto, escolhi quatro escolas municipais de Educação Fundamental I, situadas na periferia da cidade e também na Casa Transitória, (casa que abriga crianças órfãs ou que foram desligadas do convívio com os pais, por sofrerem violência doméstica). Em 2014, este projeto teve continuidade, através da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, sendo realizado em mais quatro diferentes escolas da rede municipal de Ensino Fundamental I.

Em 2015, fui convidada por Andreia Affonso, uma integrante do serviço assistencial espírita “Dona Lurdinha”, para integrar um grupo de educadoras, para iniciar um projeto de Contação de Histórias na Creche Municipal “Lar do Amor”. Durante a formação do grupo, em fevereiro de 2016, conheci Soraia Machado que fazia parte desse projeto. Nessa ocasião, o encontro do grupo tinha o objetivo de criar vínculos antes de colocar o projeto em prática, e por isso, tivemos vários encontros onde pude conhecer melhor o grupo e, inclusive, Soraia e vice versa. Os encontros promovidos pelo Serviço Assistencial, em função do projeto, geraram outros, entre eu e Soraia. Aos poucos, a identificação que encontramos em nossa metodologia de trabalho se ampliava. Soraia relatou, então, sua experiência na Comunidade Patrimônio da Penha, na cidade de Divino São Lourenço, Espírito Santo e expressou sua intensa relação com o casal de educadores Márcio Caires e Lílian Pacheco organizadores da pedagogia griô.

Durante a pesquisa sobre essa pedagogia, vi algumas filmagens realizadas pela ONG Grãos de Luz e Griô¹, fundada por Caires e Pacheco, onde Pacheco desenvolveu a pedagogia griô, e a realiza com o grupo e com a missão que consiste em “semear educação e tradição oral fortalecedora da identidade das crianças, adolescentes e jovens brasileiros para a celebração da vida” (PACHECO, 2006, p.22).

¹ O Projeto atualmente além de ONG é também um Ponto de Cultura do Brasil no município de Lençóis-BA, na região da Chapada Diamantina. O site da instituição é <http://www.acaogrio.org.br>, acessado em maio de 2016.

Segundo LÍlian Pacheco, autora de “Pedagogia griô: A reinvenção da roda da vida” (2006), a pedagogia se fortaleceu a partir da percepção de uma questão social por uma educação diversificada, que fosse representativa dos valores culturais locais.

Para buscar mais materiais de pesquisa, li os artigos e textos de Caires e Pacheco, e o livro *Encontros com o griô Sotigui Kouyaté* (2013) do ator, diretor e pesquisador Isaac Bernat. Por meio de relatos apresentados no livro (2013), o autor descreve o envolvimento com o mestre griô Sotigui Kouyaté, propondo investigar como o ator através do reconhecimento da sua identidade, pode atuar na diversidade em um mundo globalizado.

Isaac Bernat teve uma aproximação com o mestre griô Sotigui Kouyaté que é similar ao que Soraia experimentou em 2010, no Rio de Janeiro, na Bienal Brasil África onde teve a oportunidade de conhecer o casal de educadores, LÍlian Pacheco e Márcio Caires.

Soraia relata, em sua entrevista para este trabalho de conclusão de curso, que participou de uma oficina realizada por Caires e Pacheco chamada “Roda de Histórias”, no bairro da Lapa no Rio de Janeiro, no espaço do grupo Teatral “Tá na Rua”. Essa identificação com a metodologia por Soraia na oficina foi à motivação para que ela seguisse com Caires e Pacheco para a comunidade Patrimônio da Penha no mesmo ano de 2010, onde ela pôde vivenciar projetos desenvolvidos pelo casal, e começar a desenvolver outros. Entre eles o “Griô da Montanha”, feito em parceria com a Associação Cultural Circo Teatro Capixaba, com o objetivo de mapear os griôs das comunidades Pedra Roxa, Patrimônio da Penha e Roseira Alegre, e ainda, capacitar artistas, educadores e moradores da comunidade de Patrimônio de Penha na pedagogia griô.

Para a apresentação da pesquisa realizada para o presente trabalho, este TCC está dividido em dois capítulos, sendo que no primeiro, abordo o termo griô, sua origem, significado e aplicação com base nos materiais de Caires, Pacheco e Bernat.

No segundo capítulo vou apresentar a trajetória pessoal e profissional da artista Soraia Nunes Machado, discípula de Pacheco e Caires e destacar os projetos de maior relevância que desenvolveu, sendo esses os primeiros projetos que a conduziram para um entendimento mais profundo da vivência da pedagogia griô.

Capítulo 1 - Compreendendo a pedagogia griô.

Antes de abordar a pedagogia griô, se faz necessário algumas considerações sobre a figura do griô. Quem é o griô, a forma que vive e interpreta sua realidade, e a maneira que sua existência e características pessoais puderam contribuir para despertar o interesse e a motivação de Soraia, que é o exemplo prático que temos sobre a influência dessa metodologia em seu trabalho artístico.

1.1 O Griô.

E a pessoa até pergunta o que é Griô?
Eu sou isto, mas o que é Griô?
Então começa o processo de descoberta [...] Isso é lindo, é fantástico, é importante a pergunta.
[...] a caminhada é que vai dar a resposta, a gente não pode caminhar só a partir do que sabe.
(PACHECO, 2006, p.17).

Este tópico propõe apresentar algumas definições e considerações sobre o termo griô. Busquei informações por meio da leitura do livro de Isaac Bernat: *Encontros com o Griot Sotigui Kouyaté* (2013) e artigos de Lílian Pacheco e Márcio Caires.

Entendo que, a compreensão do significado de griô também está conectada com uma questão ortográfica a ser observada. Segundo Bernat (2013) e Pacheco (2006), o termo surgiu na região do noroeste da África no Mali. Bernat (2013) utiliza a grafia da palavra com o “t”, *griot*, e define que dentro das tradições da África ocidental, é usado para homens, enquanto *griotte* é designado para mulheres, que exercem funções de transmitir por meio da oralidade o conhecimento ancestral da comunidade a qual pertence.

Enquanto Lílian Pacheco observa que:

A palavra griot tem origem e se inspira nos músicos, genealogistas, poetas e comunicadores sociais, mediadores da transmissão oral, bibliotecas vivas das histórias, lutas e glórias do seu povo no noroeste da África – Império do Mali, onde Márcio Griô foi iniciado e onde aprendemos vivencialmente o conceito de Griô. O Griô aprende e ensina todos saberes e fazeres da tradição que representam nações, famílias e grupos de um universo cultural fundado na oralidade, onde o livro não tem papel social prioritário. A família Griô de uma comunidade no noroeste da África tem a função de guardar no seu corpo, na sua pele, do seu inconsciente e consciente, a memória viva, a história e as ciências do povo de sua região e país, para caminhar entre as

aldeias transmitindo-os às novas gerações. O Griô, antes de tudo, aprende caminhando e convivendo com os tradicionalistas de todos os saberes e ofícios. Na África, existem termos diversos em cada grupo étnico e a palavra *griot* é universalizante, porque no processo de colonização foi utilizada pelos estudantes afrodescendentes, que estudavam na língua francesa, para sintetizar milhares de definições que abarca. A palavra *griot* também resistiu como corruptela da palavra creole, ou seja, crioulo, e foi uma recriação do termo gritadores, reinventado pelos portugueses quando viam os *griots* gritando em praça pública em momentos que sabiam da importância de lembrar ao povo afrodescendente a sua identidade e ancestralidade, a sua história (PACHECO, 2006, págs. 61-62).

Diante de todas essas considerações, compreendemos sobre o percurso do griô, como ele segue com a sua troca de saberes e como o termo *griot* se constituiu unificando significados de diferentes palavras que variavam de acordo com grupo étnico. Em relação à grafia da palavra, é interessante ressaltar como Pacheco aborda a opção de utilizarem nos materiais do Grão de Luz a grafia “griô”. Ela explica que:

O que posso dizer é que a palavra foi abasileirada durante nossa caminhada como educadores e idealizadores do Grãos de Luz e Griô, nas comunidades de Lençóis, Chapada Diamantina, em busca de criar um projeto político pedagógico nas comunidades tradicionais da região onde nascemos. (PACHECO, 2006, p.56).

Para este Trabalho de Conclusão de Curso, opto por utilizar a escrita do termo também como griô, considerando as questões do griô no Brasil, para o grupo do Grãos de Luz e Griô, sem deixar de dialogar com as perspectivas de regiões africanas que Pacheco, Caires e Bernat mencionam. Nesse âmbito, para complementar alguns aspectos sobre o significado de griô na perspectiva da região de Mali, na África, Bernat escreve que:

Griô é o mestre da palavra na tradição Mali. É ele que não permite que a cadeia de transmissão dos conhecimentos fundamentais de uma vida se apague. Os Kouyaté são os primeiros griôs que, desde o século treze, passam de pai para filho o conhecimento ancestral, segundo a tradição oral da África Ocidental (BERNAT, 2013, p.51).

Nessa citação o autor já resalta a transmissão de conhecimentos por meio oral, pelo uso das palavras e apresenta a da família Kouyaté. Pelo contato com Sotigui Kouyaté, Bernat pode apresentar mais especificamente os aspectos da tradição dessa família em diálogo com a definição de griô. O primeiro contato de Bernat com o mestre griô Sotigui Kouyaté aconteceu no Brasil, no ano de 2000, em Porto Alegre, quando Bernat foi ao teatro assistir “Le Costume”. Nessa peça Sotigui foi ator, e sua atuação impressionou Bernat, que na época já

era docente de Teatro na UNIRIO. Sotigui Kouyaté é ator, diretor e mestre griô. Já trabalhou em espetáculos de Peter Brook, e em diversos filmes como: “A Coragem dos outros” (1982), “Little Senegal” (2000), e “London River” (2009).

Bernat participou de um curso ministrado por Sotigui Kouyaté na Fundação Progresso, no Rio de Janeiro, em 2001. Posteriormente em 2003, Bernat viajou para a região do Império Mandinga, na África em companhia de Sotigui.

Durante um curso ministrado por Sotigui em 2001, Bernat (2013) constatou que o enfoque principal foi sempre a valorização das diferenças como agente facilitador para promover a troca de saberes, experiências e vivências entre as pessoas.

Nessa perspectiva, do contato com Sotigui, o mesmo autor apresenta que:

O Griot foi e ainda é peça fundamental na manutenção e propagação desta cultura com seus contos, sua ética e sua filosofia. Os Kouyaté, pertencentes ao povo Malinca, são desde o início deste Império os griôs dos Keita, o que reforça mais esta aliança e a relevância de se realizar este estudo a partir dos encontros com Sotigui Kouyaté (BERNAT, 2013, p.50).

Entendo que o autor nos explica, que a arte secular se mantém como tradição em linhagens específicas tais como a da família Kouyaté, com a intenção de que a memória seja mantida e partilhada. Sobre a família Kouyaté, apresentamos, a seguir, as considerações do próprio Sotigui Kouyaté quanto aos aspectos de tradição da sua família:

‘A família Kouyaté é uma das que mantém o ritual ancestral do griô, Kouyaté simboliza a verdade a fidelidade. Para um griô, a palavra é considerada sagrada, e, portanto, valorizada num processo ancestral, um fio condutor entre as gerações e culturas’. (KOUYATÉ, *apud* BERNAT, 2013, p.76).

Nesse processo de ao longo do tempo e do lugares, a obra de Isaac Bernat (2013) apresenta brevemente sobre a região da África Ocidental, especialmente na região do império Mandinga, local onde esteve hospedado pela família Kouyaté. Bernat teve a oportunidade de observar o cotidiano de um griô em sua comunidade, quando viajou para a África em 2003 em companhia do mestre Sotigui Kouyaté. Abaixo apresento uma imagem do mapa dos países da África Ocidental.



Mapa dos países Africanos da região Império Mandinga²

O autor prossegue, informando sobre como foi a sua viagem para esta região:

Quando estive na África em Dezembro de 2003 já então amigo e acompanhante de Sotigui, numa viagem ao Mali e a Burkina Faso, constatei mais uma vez que o cotidiano de um griô é constituído pela realização de encontros. Encontros motivados por razões diversas, desde a solução de problemas individuais aconselhamento de família, participação em batismo, em casamentos, funerais ou festas coletivas (BERNAT, 2013, p.20).

Essa arte do encontro promove um caminho de mão dupla, onde quem fala também escuta. A fim de incrementar tal escuta, se faz necessário não apenas “ouvir com o ouvido” expressão utilizada por Kouyaté (2007)³, mas ser sensível ao outro, sensível à história de vida do outro, a alteridade. A simplicidade, a sensibilidade afetiva, o respeito à diversidade e o desenvolvimento da escuta são características importantes dos griôs.

² Fonte: Disponível em: <<http://reinosaffricanosnobre.blogspot.com.br/2012/09/o-imperio-mali.html>> acesso em 25 de maio de 2016.

³ Fala de Sotigui Kouyaté no Documentário: “Sotigui Kouyaté: um griot no Brasil” (2007), do SESCTV-SP. Direção de Alexandre Handfest.

Nos passos da valorização das raízes, o autor Bernat (2013, p.51) afirma que devido à colonização francesa na África, essas tradições do povo colonizado poderiam ter sido extintas. A capacidade de resistência e adaptação permitiu que essa tradição, ao contrário de se extinguir, acabou se expandindo para além de seu continente, levando-a para outros países. Sobre esse processo o autor ainda menciona:

Com o fim do domínio colonial, iniciou-se um processo de reconquista do espaço do griô na África ocidental, já que durante a colonização ele foi perseguido e desvalorizado pelo poder francês com o intuito de cortar cada vez mais os laços do africano com suas raízes culturais. A lógica era simples: um povo sem memória perde cada vez mais o seu poder de resistência. Ao mesmo tempo a figura do griô passou a ser mais conhecida na Europa (BERNAT, 2013, p.146).

Aqui no Brasil essa expansão da tradição oral dos griôs, chegou em função da escravatura do povo da região ocidental da África para o Brasil.

O educador Márcio Caires (2016) comenta sobre essa ligação em a África e o Brasil. Ele foi iniciado pelos griôs mais velhos, ouvindo e participando das rodas de histórias e vivências da comunidade Patrimônio da Penha no Brasil. Caires lembra a força da tradição oral quando cita a saída dos griôs da África nos navios negreiros, para serem escravizados no Brasil.

Velho Griô na Bahia e no Brasil me trouxe até aqui, foram os netos dos netos dos Griôs Mestres que partiram nos terríveis navios negreiros, que resistiram à árvore do esquecimento, que plantaram a árvore da memória oral, que contaram a história para o povo brasileiro geração após geração, nas capoeiras, nos candomblés, nos jarês, nos candombes, carimbós, marabaixos, nos jongos, nos catopés, cacundês, nos congados, nas cirandas, nos maracatus, nos ternos de reis, nos sambas de roda e tantas outros, que me disseram para vir aqui pedir a bênção, ser um aprendiz, vivenciar no meu corpo, no meu movimento, na minha palavra, no meu sangue a continuidade da rede de transmissão oral (CAIRES, 2016, p.103).

O educador foi para Mali na África, em dezembro de 2006, em busca de entendimento sobre sua atuação como griô e conta sua aventura no artigo “Caminhada de Iniciação de Márcio Caires na África do Oeste” (2016). Dessa experiência também adquiriu vivências que contribuíram para os projetos que realiza no Brasil.

Depois dessas breves considerações que percorrem a constituição do termo griô e o entendimento sobre quais as funções de um griô, no próximo tópico, abordarei sobre a

pedagogia Griô. O foco será investigar essa metodologia que concentra as características das tradições dos griôs, e que foi organizada por Lílian Pacheco e Márcio Caires.

1.2 Reflexões sobre a Pedagogia Griô – perspectivas no projeto Grãos de Luz e Griô.

Pedagogia, de acordo com o Dicionário Michaelis:

sf (gr paidagogía) 1. Estudo teórico ou prático das questões da educação. 2. Arte de instruir, ensinar ou educar as crianças. 3. Conjunto das ideias de um educador prático ou teorista em educação (MICHAELIS *on line*, 2016)⁴.

Relacionando a definição de pedagogia e os aspectos do griô visto anteriormente, seguiremos para compreender alguns aspectos da Pedagogia Griô. Essa foi criada por Lílian Pacheco e Márcio Caires para organizar a aplicação dos saberes e fazeres da tradição oral dentro do projeto Grãos de Luz e Griô. A educadora Lílian Pacheco (2006) assim define a pedagogia griô:

É uma pedagogia de vivência afetiva e cultural que facilita o diálogo entre as idades, entre as escolas e a comunidade, entre grupos étnico-raciais interagindo saberes ancestrais de tradição oral e as ciências formais para a elaboração do conhecimento e de um projeto de vida que tem como foco o fortalecimento da identidade e a celebração da vida. (PACHECO, 2006, p.87).

O trabalho, sob a ótica da Pedagogia Griô, de acordo com Pacheco (2006) prioriza a figura do griô, a figura mais velha dentro de uma comunidade, que, com poder da oralidade, seja instrumento de transmissão de conhecimento e sensibilidade, os saberes de um povo, os hábitos, a tradição, os mitos e arquétipos, símbolos e rituais. Como também, em relação as expressões artísticas, culturais e a participação social e o fortalecimento da identidade para os que participarem das propostas dessa pedagogia. Desta forma, essa pedagogia se baseia nos princípios dos griôs que relacionam com a tradição oral e com os processos de escuta, fala e troca entre as pessoas. Sobre a proposta dessa pedagogia, Pacheco resume:

As práticas pedagógicas da Pedagogia Griô são dialógicas, vivenciais, corporais, ritualísticas fundadas na oralidade. Foram elaboradas ou reelaboradas ao longo dos últimos vinte anos, em minha prática pedagógica

⁴ Fonte: Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>> acesso em 04 junho de 2016.

como educadora biocêntrica e em parceria com Márcio Caires em sua iniciação com Mestres Griôs, durante atividades educativas e culturais dos projetos que escrevi e coordenei pedagogicamente: Grãos de Luz e Griô, Ação Griô Nacional, Trilhas Griôs, Universidade Griô. Só se incorporam efetivamente às práticas de Educadores Griôs e Griôs aprendizes que as vivenciam e que, progressivamente, compreendem afetivamente os conceitos discutidos anteriormente (PACHECO, 2016, p.92).

Tendo esse resumo da perspectiva geral da pedagogia Griô segundo Pacheco(2016, págs. 92-94), completo com algumas observações sobre as práticas pedagógicas que ela elenca denominando: “Rituais de vínculo e aprendizagem”. Ela estabelece 4 categorias 1- “Rituais Griôs”; 2 – “Rituais de identidade e ancestralidade”; 3- “Rituais de passagem: do nascimento, das idades, da formatura, do casamento, dos projetos existenciais” e 4 – “Rituais dialógicos, aulas espetáculo, encontros dialógicos, círculo de cultura, jogos cooperativos, painel integrado e textos coletivos, dramatização dos níveis de consciência, roda de qualificação em rede; (Pacheco 2016, p.93).” Diante dessas categorias, a autora explica que:

Na Pedagogia Griô, os rituais e símbolos das diversas culturas e comunidades tradicionais são aprendidos e reelaborados pedagogicamente pelo modelo de ação pedagógica, sendo traduzido para os rituais de vínculo e aprendizagem no sentido de potencializar suas qualidades arquetípicas geradoras de vivências, que facilitam a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade, a elaboração do conhecimento e a celebração da vida.

Para compreender um pouco melhor como essas questões são realizadas na prática, para esta pesquisa destacarei algumas observações sobre a “roda das idades” e a “roda da vida” da pedagogia griô. Segundo a categorização de Pacheco (2016) essas atividades pertencem a categoria 2.

Primeiramente para abordarmos a “roda das idades”, antes é preciso uma breve consideração sobre o “velho griô”. Pois ele é uma figura significativa Durante a leitura de artigos referentes à Pedagogia Griô e ao trabalho de Pacheco e Caires, foi apresentada a utilização do termo “velho griô”, que “percorre uma trilha”, justificado por Pacheco (2016, p. 77): “Velho porque é o símbolo da sabedoria da vida. E griô porque representa a figura africana, das tradições orais, nômade, que vive caminhando entre a comunidade, aprendendo e ensinando a cultura da região”.

Soraia Machado, que conhece as propostas da pedagogia griô e já participou das atividades com Pacheco e Caires, em entrevista informal à esta pesquisadora, explica: “A caminhada do velho griô” como uma parte das propostas dessa pedagogia. O velho griô é um

personagem interpretado por Márcio Caires que conta histórias de vida, das lutas e glórias da comunidade de Lençóis da Bahia. O personagem faz uma caminhada pela comunidade em uma espécie de convocação para todos os moradores e visitantes. Esta convocação é aceita pela comunidade que o segue em sua maioria, e o velho griô convida todos para formar uma roda, onde as histórias, as músicas da cultura lençoense, serão contadas e cantadas.

A intenção é que haja na roda uma diversidade de idade para uma troca de experiência, há integração entre diferentes idades, os jovens e idosos, o velho e o novo, dialogando juntos sobre suas identidades. Complementando as observações de Machado, apresento a descrição de Pacheco sobre a atividade de “roda da idade” da seguinte forma:

O griô chega caminhando, abre a roda com um jogo de versos dentro de um tema gerador, harmoniza o grupo com cantigas de ninar e rodas de embalo. Conta uma história de vida ou um mito que reflete o tema gerador e convida todos para uma caminhada e encontros dialógicos, explicando o poder da palavra para a tradição oral. Todos caminham, olhos nos olhos em diversas direções no espaço, no ritmo da música. Depois são convidados a encontrar uma pessoa no grupo para dialogar, de preferência uma pessoa de uma idade, gênero e setor social diverso. O convite é falar o que pensa e sente sobre a palavra geradora (ex.: Sabedoria) princípio dos diálogos são olhos nos olhos, escuta vazia, tempo, forma, ritmo e vida.” (PACHECO, 2016, págs.88 e 89).

Portanto, essa atividade é a “roda da idade” e explora um tema gerador a ser trabalhado com os participantes; a roda não acontece meramente ao acaso, e sim contextualizada com os conteúdos propostos e com objetivos previamente elaborados. Os objetivos são sempre de fomentar a formação do senso crítico, e o respeito à diversidade de acordo com a observação de pontos de vistas diferentes de cada pessoa em cada idade diferente, além de considerar as suas experiências.

Em relação a outra atividade, a “roda da vida” que é coordenada por um griô aprendiz, pode ou não ter a presença de um griô mais velho, seja aprendiz ou mestre, sempre é importante a presença de um griô nesse contexto. Como Soraia Machado também relatou em entrevista a “roda da vida” se inicia com um agradecimento aos ancestrais, e cada integrante da roda pede a benção aos mais velhos, fazendo uma referência a alguém que contava histórias na família. É usado um “bastão da vida”, um pedaço de madeira qualquer, que é entregue pelo griô que conduz a roda.

Se a roda for grande, esse bastão chega primeiro ao mais velho da roda para contar sua história de vida, ou suas experiências mais marcantes. Se a roda for pequena também começa com o mais velho, mas os relatos podem ser mais detalhados. Ao término da socialização das histórias a roda se encerra com uma música escolhida pelo griô mais velho, caso tenha a

presença de um, se não for o caso, o griô aprendiz agradece e escolhe sua forma de encerramento, seja com uma dança ou com uma música.

Entendo pelos relatos de Soraia, que “a roda da vida” é uma oportunidade de compartilhar suas histórias, suas trajetórias, sua ancestralidade. É essa, mais uma atividade que oportuniza o diálogo entre a diversidade, demonstrando que a pedagogia griô tem como objetivo a valorização da tradição oral. Há uma integração, além do fortalecimento da própria identidade com a valorização da sua história, e a possibilidade de construção do conhecimento a partir de cada indivíduo.

A proposta de trabalho de Pacheco e Caires visa despertar sentimentos em oportunidades que partilhamos com pessoas diferentes, em diferentes experiências de vida, desapegando dos rótulos sociais e construindo uma visão própria e integrada da diversidade cultural.

Estudando e compreendendo sobre as atividades desenvolvidas pelos educadores Pacheco e Caires, percebo que as vivências das “Rodas da vida” e das “idades” permitem a corporificação da palavra através da oralidade, tanto quanto à descrição das vivências de Bernat com o griô Sotigui. Em outro viés, é interessante destacar que Bernat (2013) correlaciona alguns princípios da pedagogia griô com o trabalho de ator de Sotigui. Ele parte da importância do trabalho oral para a independência do ator, por meio de exercícios e aprendizado:

Através do exercício com os contos são trabalhados aspectos que necessitam de um engajamento total do contador com a palavra, o sentido, as imagens, a sonoridade, o ritmo e a transmissão do conhecimento. Estes elementos são, a meu ver, também estruturais para que o ator adquira autoridade e soberania na sua fala, portanto, o contato com esse universo representa uma excelente oportunidade de exercício (...) (BERNAT, 2013, p.25).

Tendo em vista tais possibilidades, de associar alguns exercícios com o trabalho de ator, observo que o autor ressalta a relação de aproximação que existe com a contação de história. O mesmo autor estabelece alguns aspectos da contação de história e que se aproximam do que foi mencionado anteriormente do universo Griô. Ele considera que :

No ato de contar, três instâncias se estabelecem: a do narrador, a dos personagens, e a do próprio contador. As duas primeiras instâncias são mediadas e conduzidas pela terceira. Ou seja, pelo contador, que é a própria pessoa, carregando consigo sua personalidade e história pessoal. O narrador situa a história, descreve todos os elementos, relaciona-se diretamente com a plateia, coloca e tira os personagens. É fundamental que a narração

estabeleça os cenários, o enredo e a progressão dos acontecimentos. Quando o contador se coloca no lugar do personagem, o faz com toda a sinceridade, podendo utilizar recursos gestuais e vocais para diferencia-los. Ao fazer esse comentário o contador estabelece um elo imediato com a plateia, tornando-a cúmplice da história que está sendo contada (BERNAT, 2013, p.25).

Isaac Bernat, na convivência com o mestre griô Sotigui Kouyaté estabelece a seguinte aproximação entre as questões da pedagogia griô e seus princípios, e os trabalhos artísticos e pessoais:

Tanto no que se refere à prática do ator nos palcos como no seu aperfeiçoamento, os exercícios, os ensinamentos e toda a pedagogia do griô se configuram como mais uma importante contribuição ao desenvolvimento artístico, espiritual e ético do ofício de ator (BERNAT, 2013, p. 231).

Buscando mais pontos que estabelecem a associação entre a pedagogia griô e o trabalho artísticos, apresentarei no próximo capítulo a educadora e artista Soraia Nunes Machado e alguns de seus trabalhos.

Capítulo 2 – Soraia Nunes Machado e a Pedagogia Griô.

Este capítulo tem como objetivo apresentar a educadora Soraia Nunes Machado, e descrever alguns dos primeiros projetos que realizou e dialogam com a Pedagogia Griô. Considerando também que abarcam o pensamento de arte integrada, permeando a linguagem da dança, das artes visuais e das artes cênicas.

2.1 A experiência de Soraia Nunes Machado.

Soraia Nunes Machado nasceu em Itapeva Estado de São Paulo em 27 de abril de 1977. Caçula de três irmãos estudou nas escolas Acácio Piedade, Objetivo e Anglo de Itapeva, este último, se formou no Ensino Médio. Teve uma infância inquieta, cambaleante, um pouco imperativa, como ela mesma descreve em suas memórias, tinha muita dificuldade em relacionar-se, foi uma criança extremamente tímida.

Começou a estudar dança aos 8 anos em uma academia de dança em sua cidade natal com a professora Raquel Faiady, mais tarde com as respectivas professoras Eliana Chueri e Denize Claro. A partir desse momento conta que tudo começou a se transformar, a expressão do corpo, o movimento, a música que propiciava uma sensação de bem-estar, bem viver, memória corporal que traz consigo até os dias de hoje. Autoconfiança e transformação interna refletiam na vida em família e em comunidade, a dança surge em sua existência com a capacidade de orientar as emoções pensamentos, e ações, equilibrando a psique, tirando a timidez, a fraqueza, à dificuldade de expressão, trabalhando a autonomia e a renovação. Relata que uma conexão profunda com a ancestralidade acontecia quando dançava. Buscou estudar possibilidades de aprendizado, partindo do corpo, de sua subjetividade, experimentando e observando seus limites e os seus processos de criação.

A adolescência foi marcada por momentos intensos, nessa época os pais se separaram, e aos 17 anos foi mãe do primeiro filho Rafael, a proximidade e dedicação com a dança também se intensificaram nesse momento, até o 8º mês de gravidez participou atuando como bailarina do grupo de dança Oficina do Interior de São Paulo. Nessa época participava de práticas semanais, com aulas e ensaios de ballet clássico e dança contemporânea. Rafael nasceu quando ela tinha 18 anos, nesse mesmo começou a dar aulas de dança na escola

Galpão das Artes. Permaneceu em Itapeva até final de 1997 quando resolveu experimentar vivências em outras cidades.

Atingiu o auge nos estudos de dança clássica e contemporânea aos 25 anos, nessa época morava em Alegre no interior do Espírito Santo e estudava clássico Royal e dança contemporânea na escola ID - Investiga Dança, em Ouro Preto Minas Gerais. Muitas inquietações e realizações nesse momento, viagens o tempo todo, e cursos em diversos lugares, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais. Assim, no meio de tanto movimento, veio o segundo filho Emmanuel.

Formada em Artes Visuais pela UFES Universidade Federal do ES, Educação Biocêntrica pelo CDH (Centro de Desenvolvimento Humano) de Fortaleza Ceará e Pedagogia Griô pelo Instituto Grãos de Luz Griô BA. Soraia Nunes Machado percorreu o caminho Griô, sendo iniciada na Pedagogia pelos educadores Lilian Pacheco e Márcio Caires, educadores precursores da Pedagogia griô e criadores do ponto de cultura Grãos de Luz e Griô Lençóis Bahia.

A caminhada de formação na pedagogia griô teve início em um encontro que ela teve com o casal de educadores na Bienal Brasil África, realizada no Rio de Janeiro em 2010. Momento onde vislumbrou a oportunidade de experimentar novos caminhos, novas abordagens de educação no campo da aprendizagem da arte. Dentro de seus trabalhos, a educadora busca criar um diálogo entre diferentes linguagens artísticas, a fim de reconhecer a subjetividade e a ancestralidade e despertar o respeito à alteridade, as diferenças, a diversidade. Aceitou o convite para trabalhar nos projetos que Lílian Pacheco e Márcio Caires desenvolviam. E, seguiu para a Comunidade Patrimônio da Penha na cidade Divino de São Lourenço Espírito Santo, região rica em histórias, em mestres griôs é foco de vários projetos que desenvolve além da dança também um trabalho intenso de teatro. Em 2008 foi o ano que Soraia pode conhecer o grupo Circo Teatro Capixaba com rodas de histórias e o movimento de Teatro de rua onde atuou até voltar para Itapeva no ano de 2015.

Lembrando algumas passagens que marcaram sua história de vida, também marcaram a memória do corpo, remetendo a emoções e sensações. Ainda guarda na lembrança a primeira infância, momentos, movimentos, brincadeiras, conexão com a terra. A mãe que sempre a levava para ver a folia do Divino. Lembra que muitas pessoas caminhavam e cantavam juntas, com velas na mão, e ela no colo da mãe observava a procissão do Divino Espírito Santo, que acontecia todos os anos na comunidade do Miguelzinho em Itapeva interior de São Paulo.

Essa procissão passava de casa em casa cantando, num ritual de bênção as famílias, levando a bandeira o estandarte do Divino Espírito Santo.

Dessa folia a pomba da paz bordada na bandeira vermelha com várias fitas coloridas penduradas, ressalta que essa lembrança tem uma profunda conexão com os motivos de ter morado no estado do Espírito Santo.

Voltou para Itapeva em 2015 por entender que seu filho mais novo, Emmanuel, necessitava se conectar com sua raiz, e permitir a convivência dele com os seus avôs. Desde então, desenvolve projetos voltados à dança, música, contação de história, frutos das experiências que manteve no Espírito Santo. Entre seus projetos teve a oportunidade de participar como co-criadora do projeto “Griô da montanha”, “Roda de Histórias”, e “Casa da Terra”, projetos contemplados pela SECULT (Secretaria de cultura e Turismo do Espírito Santo) Edital de Seleção de Projetos de Valorização da Diversidade Cultural do Espírito Santo.

O Projeto “Casa da Terra” teve como objetivo realizar o fomento aos Mestres Griôs e a Pedagogia Griô por meio da ferramenta áudio visual e da Pedagogia Griô. Para isso, realizou um mapeamento de mestres Griôs moradores na serra do Caparaó no Estado do Espírito Santo, onde a artista residiu durante três anos realizando seus trabalhos artísticos. Além desta, foram visitadas comunidades da Região serrana do Espírito Santo, a fim de mapear os mestres de tradição oral da região da Serra do Caparaó, sendo elas:

- Comunidade do Amarelo - Divino de São Lourenço – ES;
- Patrimônio da Penha - Divino de São Lourenço-ES;
- Pedra Roxa- Ibitirama-Es;
- Roseira- Alegre ES;

Esse trabalho gerou o documentário “Raízes e Asas” e “Mapeamento Griô”. A metodologia utilizada foi o primeiro aprendizado Griô: a “escuta”, ouvir as histórias de vida e a sabedoria popular dos mestres de tradição oral das comunidades acima citadas. Durante um período de seis meses percorreu o município de Divino de São Lourenço, Alegre e Ibitirama, identificando famílias e pessoas que trazem a força da tradição oral para transmitir suas histórias e seus ensinamentos.

Conversas ao pé do fogão a lenha na casa dos mestres griôs residentes tanto na Comunidade Patrimônio da Penha como na comunidade de Pedra Roxa Ibitirama geraram subsídios para entender sobre o conhecimento popular. Houve também andanças na mata,

junto com esses griôs da região para reconhecimento de ervas e árvores rendeu um documentário intitulado “Raízes e Asas”, que são registros da sabedoria ancestral sobre as ervas medicinais e os remédios da mata. A descoberta de sua ancestralidade interferiu em seu processo de criação artística, nos dos próximos tópicos serão apresentados alguns projetos que Soraia realizou.

2.2 - Projeto: Casa da Terra-Mapeamento Griô.

A Pedagogia Griô surge nesse contexto como uma ferramenta de trabalho na aprendizagem subjetiva e multidisciplinar da arte, unindo diferentes linguagens e ampliando esse campo do saber, abarcando-o e reconhecendo o saber científico e o saber empírico da cultura popular. Trago alguns relatos de experiências de Soraia com seus projetos, que foram realizados em diferentes espaços de aprendizagem.

Soraia considera a arte como um ponto de transformação do indivíduo e da sociedade, o corpo como ferramenta para realização desse processo de transformação educacional e cultural, como ela mesma afirma em suas anotações pessoais:

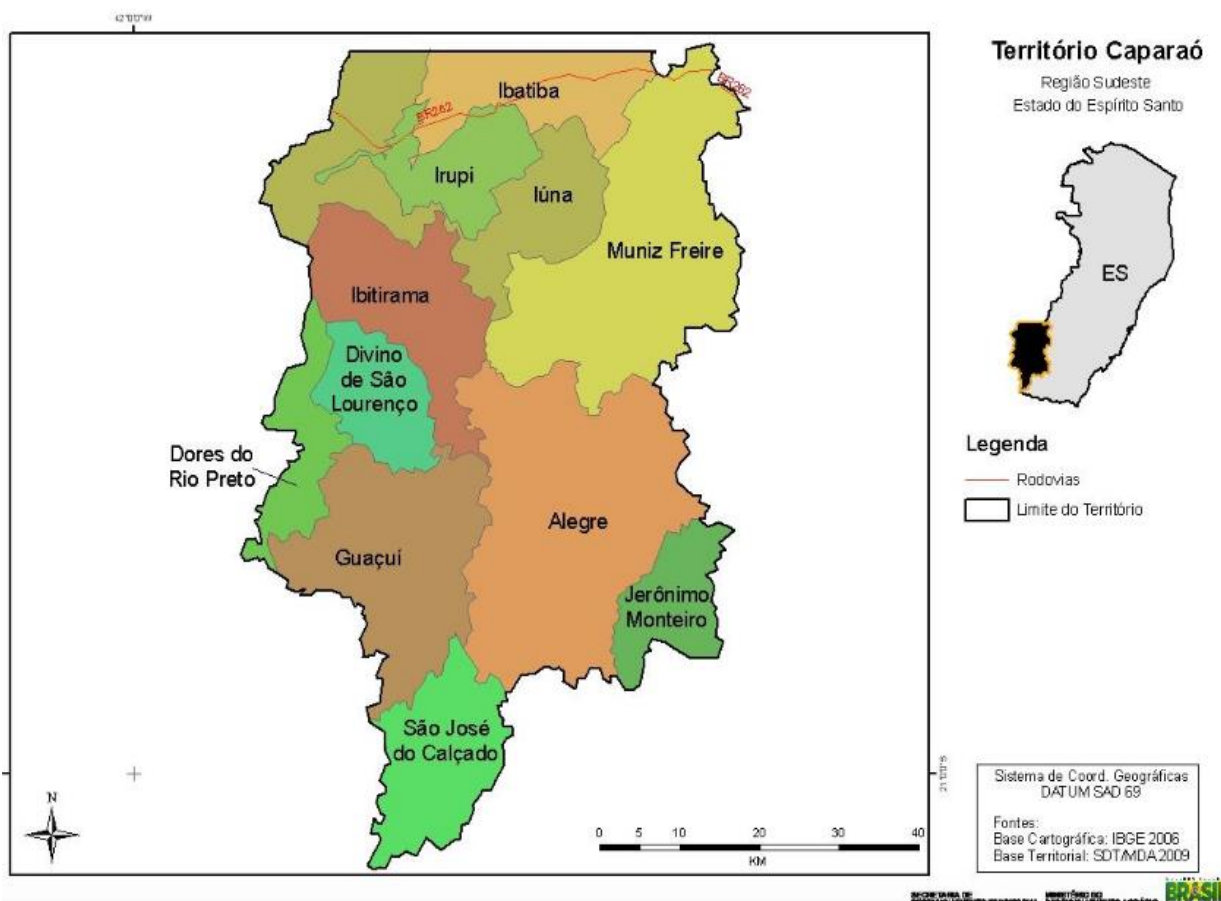
Pensar a arte como princípio de transformação, explorar o processo criativo a partir do pensamento do corpo, movimento, gesto, expressão, interpretação, estabelecer um diálogo entre as diferentes linguagens artísticas, discutir a escuta do corpo, a necessidade de contato do corpo com a terra, com sua essência e ancestralidade (MACHADO, 2012, p.32).

A aprendizagem Griô é fruto de pesquisa teórica e empírica, união entre os saberes científicos e populares, para tanto a educadora realizou entre os anos de 2012 e 2014 uma viagem de imersão ao interior do E.S. a fim de possibilitar o aprofundamento no aprendizado empírico da tradição oral.

Como descrito na entrevista segundo as palavras da própria Soraia, o projeto de mapeamento griô surgiu “Griô da Montanha”, foi um projeto proposto por ela em parceria com a Associação Cultural Circo Teatro Capixaba. Tendo como objetivo capacitar artistas, educadores e moradores da comunidade de Patrimônio da Penha E.S, na pedagogia Griô. A formação em Pedagogia Griô teve participação dos contadores de histórias e educadores Lílian Pacheco e Márcio Caires. Essa ação visou estimular o resgate da tradição oral, promovendo e valorizando os ensinamentos transmitidos através das gerações, fomentando a

transmissão dos saberes e a valorização dos contadores de história e da cultura popular. Um dos objetivos do projeto foi criar um material que contasse um pouco da história da comunidade, no reconhecimento da sua identidade.

Em outro momento teve a ideia de realizar um documentário registrando esses saberes e histórias da comunidade. A partir de uma identificação que já havia sido feita, nas andanças realizadas no interior do Estado do Espírito Santo e dos aprendizados que foram se dando durante essa caminhada. Essa ação só foi possível através do projeto “Casa da Terra”, que foi contemplado no edital de pequenos projetos do ano de 2012-2013 da SECULT (Secretaria de cultura e Turismo do Espírito Santo). Então passou a realizar visitas nas comunidades de Patrimônio da Penha, Pedra Roxa e Roseira a fim de mapear os mestres de tradição oral da região de Caparaó, buscando ouvir e registrar histórias de vida e de sabedoria. Para visualizar um pouco a localização geográfica dessas regiões citadas, segue abaixo um mapa:



Mapa da região de Caparaó – E. S.⁵

⁵ Fonte: MDA. Imagem Disponível em: <http://sit.mda.gov.br/images/mapas/tr/tr_026_caparao_es_abr_2009.jpg>. Acesso em 10 junho de 2016.

Esse projeto se realizou ao longo de seis meses onde percorreu os municípios de Divino de São Lourenço, Alegre e Ibitirama identificando famílias e pessoas que trazem a força da tradição oral, e através dela transmitem suas histórias e seus ensinamentos.

Só para citar algumas pessoas que participaram significativamente do projeto, no relato de Soraia, ela destaca Dona Lili, uma das primeiras moradoras da comunidade de Patrimônio de Penha, traz na memória história do lugar, da chegada dos primeiros moradores, há mais ou menos cinquenta anos.

Dona Lili aprendeu a ser rezadeira com sua mãe e sua avó, com o pai dona Lili aprendeu a tradição do boi Pintadinho, que segundo ela a família se juntava para fazer a brincadeira do boi, brincadeira que realiza até hoje com as crianças. Vovó Lili como é carinhosamente chamada pelos moradores da Comunidade conta histórias, foi também parteira na região e merendeira na escola da vila.

Outro destaque do projeto é para o senhor Waldir Pereira de Castro descendente afro-brasileiro, dedicou sua vida a terra, a música e a poesia. Orador da Comunidade Roseira Alegre E.S, plantando e agro florestando a terra, cuidando das nascentes que abastecem a comunidade. Senhor Waldir reconhecido como griô dessa região reúne crianças, jovens adultos embaixo da amoreira para conversas e troca de histórias de vida. Soraia relata que a forma de receber suas visitas é a marca registrada desse griô, a árvore que fica em frente a casa é o espaço de vivência, o local da escola de tradição oral da Roseira onde ele recebe as pessoas e presenteia com mudas e sementes de seu sistema agroflorestal. Oferece um café da manhã feito com raízes e grãos cultivados por ele e sua família.

Por fim nesse projeto Soraia destacou também seu Manoel Lúcio, da comunidade de Pedra Roxa Ibitirama, que vive nessa comunidade há 60 anos, veio de Minas com seus pais que fizeram sua história na comunidade aprendendo sobre a terra, a mata virgem e sobre a medicina da mata atlântica. Aprendeu com o pai e o avô a sabedoria das ervas, as raízes que vem da mata e podem ser remédios para muitas doenças, ensina sobre a raiz preta, o cipó cravo e o pacová que curam doenças do sistema nervoso, ajudando a manter o equilíbrio do metabolismo.

2.3 - Projeto Ciranda Griô.

Como explica a educadora Soraia em sua entrevista esse projeto é uma iniciativa que surge a partir de uma experiência de formação em pedagogia griô, e da pesquisa realizada

junto aos mestres griôs do interior do Estado do Espírito Santo. Depois de mapear os mestres da tradição oral da região da comunidade de Patrimônio da Penha situada no município de Divino de São Lourenço, Roseira no município de Alegre, Perda Roxa em Ibitirama. A ciranda é a compilação dos saberes e fazeres apreendidos, um ritual de vínculo afetivo e vivência a partir da pedagogia griô.

Entendo a importância desses relatos como uma forma de estudar, entender e refletir sobre diferentes olhares, as vivências, as experiências com o espaço onde habitamos a comunidade e a terra. A partir da impregnação do corpo no ambiente, das andanças, do contato com a terra, e com o povo do lugar, vivenciamos o percurso de experimentação. Em uma comunidade com ideais voltados para uma vivência afetiva.

É o instante vivido pleno de sentido da vida e significados étnico-culturais que nutrem o sentimento e a consciência de pertencer a uma ancestralidade e de participar de uma identidade local, nacional e planetária.
(PACHECO, 2016, p.90).

Os projetos de Soraia foram realizados em diferentes espaços de aprendizagem, cito a experiência do Centro comunitário de Patrimônio da Penha, na formação de outros educadores na pedagogia griô, o Centro de atendimento psicossocial CAPS/ Cidade Cariacica Sede, percorreu escolas, espaços de aprendizagem, centro de culturas e feiras. Sua metodologia se dá a partir de realização de rodas de histórias e de vivências coletadas pelo mapeamento desses griôs e transmitir suas histórias. Um ritual de encontro entre as diversas identidades, através das histórias da tradição oral, danças, cantigas e brincadeiras construindo a Ciranda griô.

A ciranda inicia uma cantiga de chegada aprendida com um dos griôs, com uma bandeira e tocando instrumentos artesanais, a ciranda forma uma roda e acolhe os participantes. Iniciam-se a Contação de história, as vivências é partilhada e intercalada com música, e ao término da visita a ciranda recolhe uma lembrança, seja um desenho, um pedaço de tecido, qualquer lembrança dessa roda é colocada na bandeira.

No Ano de 2010 seguiu para o interior do Estado, Serra do Caparaó, na intenção de se aproximar mais dos saberes da terra, e aprender com quem vive e trabalha nela. Iniciou um trabalho experimental de dança na comunidade de Patrimônio da Penha. Todas as sextas-feiras abria o espaço do centro Comunitário, para receber pessoas que estavam interessadas em participar das aulas de dança contemporânea e consciência corporal.

Em 2011 escreveu um pequeno projeto para viabilizar recurso a fim de dar continuidade as ações. Nesse mesmo ano formou o Núcleo de criação em dança contemporânea Sexta Básica que teve apoio do PRCJ Programa Rede Cultura Jovem.

A partir desse olhar a “Terra” foi escolhida como principal elemento do seu performance, e as pessoas que vivem na terra a inspiração. Realizaram várias visitas as pessoas da comunidade a fim de dialogar sobre o trabalho, e saber mais sobre a relação de cada um com a terra. Houve nesse período, um movimento para o asfaltamento das estradas que ligam Patrimônio da Penha à Divino de São Lourenço e Mundo Novo. Por isso realizou uma série de intervenções e performances coletivas e individuais, como protesto, em lugares que estavam sendo degradados com retirada de terra para aterro e canalização de pequenos riachos.

O trabalho acabou por se tornar um vídeo de cunho ambiental e cultural, “Andança”⁶ que conta sobre a história da comunidade de Patrimônio da Penha e a cultura do povo do lugar, mostrando a realidade contemporânea e as questões ambientais vividas pelos seus moradores e visitantes.

Soraia demonstra um carinho especial por esse trabalho como explica em entrevista a esta pesquisadora: “Andança nos permitiu desenvolver a capacidade de escuta de si do outro, e do lugar onde vivemos, ou seja, foi uma ação de cunho educativo, de resgate cultural e questionamento ambiental” (Soraia 2016).

Os trabalhos aqui descritos abordam um pouco do processo criativo a partir das vivências de Soraia, seja a experiência corporal, a dança, a contação de história e principalmente, buscou-se ressaltar o diálogo com a pedagogia grão. No momento, encerramos as considerações apresentadas, porém, muitas outras possibilidades de associações e análises podem surgir desses projetos apresentados, como também de vários outros trabalhos desenvolvidos e ainda em andamento.

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UcKBO3zyA14>> Acesso em abril de 2016.

Conclusão

A pesquisa aqui descrita faz parte de uma construção e desconstrução, um olhar investigador e curioso, que acredita e quer em sua potência dar visibilidade a novas possibilidades de práticas e abordagens. Minha intensão com essa pesquisa é levantar alguns pontos de reflexão sobre o trabalho de uma artista, que procurou novos caminhos para velhos questionamentos.

Com os relatos feitos das vivências de Soraia procurei promover um diálogo entre os saberes acadêmicos e os saberes populares. Partindo da integração de diferentes expressões artísticas tais como o teatro, a dança, a tradição oral, podemos oferecer uma reflexão sobre as diferentes ferramentas para ressignificação das abordagens e práticas metodológicas. Nosso caminho como artista é de construção constante, precisamos estar abertos para o diálogo, porque com diferentes pontos de vista e diferentes formas de conhecimento, conseguimos uma transformação pessoal e artística.

Quando a educadora Soraia me apresentou a pedagogia griô, iniciei um processo de contextualização de alguns trabalhos que eu vinha realizando ao longo dos últimos anos em relação à contação de história.

A princípio, para mim, era necessário somente entender a integração entre música, teatro e literatura dentro dessa pedagogia, assim como também para Soraia que movida pela curiosidade e pela insatisfação também buscava a integração dessas expressões. Mas, depois de toda a vivência, Soraia pôde entender que não bastava o alcance estético de um trabalho por meio de alguma integração de linguagem. Era necessário mais, sua visão se expandiu para a real compreensão do contexto da pedagogia griô. A tradição oral, a relação com o outro, a participação social e o fortalecimento da identidade, a relação com a natureza que a prática dessa pedagogia oferece, oportuniza transformação não só pra sua visão artística, mas para sua visão pessoal.

A cada exposição dela, pude começar a dimensionar o que e quanto de pesquisa esse trabalho exigia, por ser um caminho diferente dentro das diversas opções para o trabalho; eu precisava, sobretudo, entender a experiência que ela havia vivido. E, isso se deu graças a um diário de bordo que ela manteve durante sua experiência na comunidade Patrimônio da Penha; intirei-me sobre as amizades que manteve na comunidade, como era o dia a dia, se havia um tipo de alimentação comum a todos, os que os vizinhos partilhavam, tudo me parecia pertinente para eu pudesse completar o quadro tal qual um quebra-cabeça. Esse mergulho me

deu uma noção mais exata da vida em uma comunidade que se mantém afastada da área urbana, e que procura preservar-se até mesmo do benefício do asfalto.

Compreendi que tudo na comunidade está às voltas com uma tradição, tudo em comum acordo com a natureza, tudo tão milenar quanto a tradição oral que é a essência da pedagogia griô. Essa pedagogia me abriu novas janelas de conhecimento sobre a arte da corporificação da palavra, da importância de dominar a arte de transmitir uma ideia, um pensamento uma mensagem. Pesquisar sobre o assunto me aproximou da consciência que devemos ter, da necessidade de retomar a importância de valorizar o uso da palavra, magnetizar a plateia através dela, para propiciar um encontro entre o ator e a plateia, o encontro de uma história com outras histórias. Essa pesquisa me abriu um encantamento para o sagrado da palavra, e as vivências que o exercício dessa pedagogia possibilita, nos aproximando enquanto humanos, nos valorizando enquanto indivíduos e nos sensibilizando enquanto atores.

Ao compreender sobre o assunto pude ter um olhar mais significativo no trabalho de Soraia, precisei entender primeiro essa pedagogia para depois identificar em seu trabalho a quantidade de sensibilidade que ela dispensa para a realização deste. Em suas apresentações há o sagrado da palavra, mas há também a consideração pelo outro, a qualidade das relações possibilita a criação de um verdadeiro encontro da atriz com a plateia. Eu e Soraia compartilhamos um projeto onde desenvolvemos a contação de história para crianças na faixa etária de três a cinco anos.

Essa pedagogia é a pedagogia do encontro e do encanto, em trinta anos de palco meu olhar se renova a cada busca por uma nova janela ou porta que eu possa abrir, para fazer de novo o novo, ou pelo menos o original para mim. Quando comecei a entender essa metodologia, os mestres, os projetos que Soraia havia realizado, meu estado era de encantamento, e de surpresa do quanto se podem fazer nesse país de trabalhos belíssimos e a grande maioria desconhece por completo. Foi esse sentimento que me motivou a escrever sobre o trabalho de Soraia, e enquanto escrevia, via e ouvia, eu não só abria a porta desse conhecimento, como também entrava porta adentro das transformações que eu descrevia.

Hoje procuro utilizar elementos da pedagogia griô no desenvolvimento das minhas oficinas, acredito que toda mudança tem que ser gradativa para avaliarmos aos poucos as transformações que ela promove.

Em vista dessa experiência, pude rever minha metodologia de trabalho e entender como eu poderia contar história de forma que a interação com a plateia fosse considerada, e

que a participação dela fosse muito além de uma experiência auditiva. Com essa interação percebo que as crianças corporificam a história, e dessa forma a experiência se torna muito mais rica. Com música, dança e instrumentos artesanais ofertamos a vivência das histórias que ao invés de contar para a plateia contamos com a plateia, uma vez que as crianças aprendem as músicas, interagem com os instrumentos, com os bonecos e dançam junto com as contadoras.

Reafirmando a postura do mestre griô Sotigui Kouyaté, que não desvinculava a arte da vida, aliás, faço aqui uma celebração a esse mestre griô que mesmo depois de desencarnado, sua voz ecoa através das palavras escritas por Isaac Bernat em seu livro “*Encontros com o griô*”(2013). Como um de seus ensinamentos o mestre griô Sotigui nos diz que o nosso olhar para ver horizontes mais distantes, precisa primeiro visitar o seu horizonte interno, descobrir as tradições que te construíram, e só assim você se torna livre para olhar mais longe.

Termino essas considerações com um sentimento profundo de gratidão, como esse é um trabalho que tem como base meu encontro com a artista Soraia e das reflexões que esses encontros geraram, minha gratidão se estende a ela e também a mais uma forma de construir meu trabalho e ampliar meus horizontes.

Referências

BERNAT, Isaac. *Encontros com o griot Sotigui Kouyaté*. Ed. Pallas, Rio de Janeiro - RJ, 2013.

CAIRES, Márcio. “Caminhada de iniciação de Márcio Caires na África do Oeste.” *Revista Diversitas*, n° 3 págs. 100-133, 2016.

PACHECO, Lílian. *Pedagogia Griô - A reinvenção da roda da vida*. 2ª Edição. Grãos de luz e Griô. Lençóis-Bahia, 2006.

_____. “A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade.” *Revista Diversitas* n° 3 págs. 22-99, 2016.

MACHADO, Soraia. Diário de Bordo e anotações pessoais disponibilizadas à Daniela Gomes de Oliveira em Itapeva-SP, de fevereiro a julho de 2016.

Entrevistas:

MACHADO, Soraia. Entrevista semiestruturada concedida à Daniela Gomes de Oliveira em Itapeva-SP, maio de 2016.

MACHADO, Soraia. Entrevista semiaberta concedida à Daniela Gomes de Oliveira em Itapeva-SP, fevereiro, março, abril e maio de 2016.

Sites:

Ação Griô. Programa Cultura Viva – Ministério da Cultura. <www.cultura.gov.br> Acesso em 15 abril de 2016.

<<http://www.acaogrio.org.br>> Acesso em 31 maio de 2016.

<<http://www.leigrionacional.org.br>> Acesso em 20 de maio 2016.

<<http://michaelis.uol.com.br>> Acesso em 04 junho de 2016.

<<http://reinosafrianosnobre.blogspot.com.br/2012/09/o-imperio-mali.html>>

Acesso em 25 de maio de 2016.

<http://sit.mda.gov.br/images/mapas/tr/tr_026_caparao_es_abr_2009.jpg>

Acesso em 10 junho de 2016.

Vídeos:

“Andança”. Concepção e direção cênica: Soraia Nunes. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=UcKBO3zyA14>> Acesso em abril de 2016.

“Sotigui Kouyaté: um griot no Brasil” (2007), do SESCTV-SP. Documentário com
direção de Alexandre Handfest. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te_3pjI> Acesso em 28 março de 2016.

Anexo

Entrevista com Soraia Nunes Machado

A Pedagogia Griô busca um resgate das brincadeiras, danças, canções e histórias de tradição oral trazidas pelos mais antigos, Mestres de da cultura popular afro indígena brasileira.

1) Comente brevemente sobre a sua formação e o início do seu percurso artístico.

Soraia - Aos 8 anos de idade, iniciei minhas primeiras experiências com a dança em uma escola da cidade em que nasci - Itapeva/SP, onde minhas primeiras professoras foram, Raquel Fayard de Lazari, Eliana Chueri e Denize Claro Nogueira.

Trilhei os caminhos da dança fazendo cursos em diferentes escolas e aprendendo sobre os diferentes métodos e abordagens de ensino dessa linguagem, dentre eles, estudei o Ballet Clássico através do método Americano Royal, a dança Moderna de Martha Graham, a dança contemporânea de Klaus Vianna e Dududi Herman, pesquisei sobre a dança teatro de Pina Baush, na qual me inspirei para realizar o trabalho *Andança pela terra*). Participei de cursos sobre dança Butho de Kasuo Onho, e Eurytmia de Rudolf Steiner.

Essa pesquisa estendeu-se para o campo das artes cênicas, a partir do contato com RBTR Rede Brasileira de Teatro de rua, permaneci por 2 anos acompanhando esse movimento. Fui iniciada nas artes circenses, acompanhando e trabalhando com uma família de palhaços, durante 4 anos fiz parte da Cia. Circo Teatro Capixaba. Para compreender um pouco a dança em seu aspecto cultural, estudei Capoeira Angola junto ao Grupo Volta ao Mundo de mestre Cláudio, que tem como referência mestre Bimba e mestre Pastinha. Na busca de compreensão sobre os processos de desenvolvimento e integração corpo e mente, me dediquei durante 2 anos a fazer uma formação em Hatha Yoga, na Escola Ananda Marga.

Na caminhada por um olhar mais amplo nas artes e no autoconhecimento, busquei estudar abordagens de educação integrativas, as quais abordassem o desenvolvimento corpo e mente.

Assim, em 2012 participei do curso de formação em Educação Biocêntrica, em 2014 finalizei o curso de Licenciatura em artes visuais na Universidade Federal do ES.

2) Quais foram suas motivações para buscar o estudo, pesquisa e prática sobre a pedagogia Griô?

Soraia - Movida por minha curiosidade e insatisfação, procurei referências que pudessem caracterizar linguagens diferentes de expressão humana. Nessa busca, certas influências surgiram, porém, tento não me afastar da minha intuição, o diálogo entre as diferentes linguagens como a dança, o teatro, a música e as artes visuais.

3) O que foi o Projeto Griô da Montanha dentro da comunidade Patrimônio da Penha?

Soraia - **Griô da Montanha**, foi um projeto proposto pela educadora Soraia Nunes em parceria com a Associação Cultural Circo Teatro Capixaba, tendo como objetivo capacitar artistas, educadores e moradores da comunidade de Patrimônio da Penha ES, na pedagogia Griô. A formação em Pedagogia Griô teve participação dos contadores de histórias e educadores Lílian Pacheco e Márcio Caires, criadores e dirigentes do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô, de Lençóis/BA. Essa ação visou estimular o resgate da tradição oral, promovendo e valorizando os ensinamentos transmitidos através das gerações, fomentando a transmissão dos saberes e a valorização dos contadores de história e da cultura popular. A partir da experiência com a pedagogia griô, os participantes foram convidados a participar da vivência Roda de Histórias, uma sessão de contação de histórias, música, brincadeiras e muita arte.

4) A Comunidade Patrimônio da Penha tem referência na pedagogia griô, quanto tempo viveu nessa comunidade, e você conheceu outras comunidades com trabalhos semelhantes no Espírito Santo?

Soraia - Residi cerca de três anos na comunidade Patrimônio da Penha Serra do Caparaó ES. Durante 17 anos percorri o interior do Estado morando em 5 cidades diferentes, dentre elas Alegre- ES, Santa Leopoldina- ES, Santa Teresa-ES, Vitória-ES e Patrimônio da Penha-ES. Conheci diversas comunidades nesses lugares e percebi no decorrer da caminhada, que todas elas tinham algo em comum, eram municípios pequenos com população cerca de

mil a 4 mil habitantes e guardavam indícios de povos antigos afro indígena brasileiro. O Estado do espírito Santo abarca uma grande diversidade cultural devido ser uma região litorânea portuária por onde chegaram diversos navios advindos da África e Europa.

5) Você viajou por várias cidades do Estado do Espírito Santo, conheceu outros grupos com referências griô?

Soraia - Sim, Grupo Volta ao Mundo de Capoeira Angola, Kesile Grupo de Música e culinária afro-brasileira, Negrada Coletivo de estudantes Negros da UFES Universidade Federal do Espírito Santo.

6) Como conheceu e como foi sua convivência com Lilian Pacheco e Marcio Caires facilitadores da vivencia griô e criadores do projeto griô da montanha?

Soraia - Conheci os educadores em uma viagem que fiz ao Rio de Janeiro, Bienal Brasil África ano de 2010, participei de uma oficina de Pedagogia Griô na Lapa no espaço do grupo Teatral Tá na Rua. Lilian e Marcio foram grandes impulsionadores para que eu pudesse adentrar no Universo Griô, o encontro em Patrimônio da Penha, foi um reencontro, como se já nos conhecêssemos de longe, de outros tempos. Momento esse que permitiu tomar contato profundo comigo e com minha ancestralidade a partir dos aprendizados vivenciados na formação em Pedagogia Griô. Através da Roda de História de Vida, uma pratica metodologia da formação, pudemos nos conhecer um pouco mais e assim, vislumbramos experiências e sonhos em comum. Cada história e cada palavra dita pelos educadores durante o período de formação eram absorvidos como alimento para a alma. A “arte de ouvir “ foi sendo incorporada em nosso dia a dia e a convivência durante a formação se tornou um momento ímpar de descobertas aprendizados e compartilhamento de ideais e sonhos em comum. Sonho de participar de uma grande mudança na educação reaprender a educar a partir da mudança de paradigma na educação, do paradigma antropocêntrico para o Biocêntrico, de valorização e cuidado com a vida.

7) O que buscava enquanto artista quando incorporou a referência griô no seu trabalho?

Soraia - Buscava nesse momento possibilidades de práticas educativas que inserissem as diferentes linguagens da arte na educação e que concomitantemente propusessem a valorização da cultura afro indígena brasileira, o resgate e o encontro com minha própria ancestralidade e a cultura de raiz de nosso país. A Pedagogia Griô surge como uma possibilidade, pois dentro de sua prática metodológica, propõe a mudança de *paradigma* *dos modos de fazer a educação, partindo do paradigma Antropocêntrico vivenciado por nós há séculos, para o biocêntrico pautado nos valores humanos, no respeito as diferenças e a diversidade cultural. Ela se constitui como Uma abordagem multicultural em educação valorizando o saber popular, a tradição oral, e as diferentes linguagens da Arte.

8) Quais as mudanças que ocorreram em seu trabalho de atriz?

Soraia - Os trabalhos artísticos que vinha até então realizando buscavam trazer referências da arte contemporânea mesclando as linguagens da dança teatro, performances, e das artes visuais. A pedagogia Griô trouxe outras referências, a referência dos brincantes, dos mestres de cultura popular, das cantigas e brincadeiras de roda, da tradição oral. Acredito uma das principais mudanças observadas foi à compreensão da importância da ancestralidade. Reconhecer de onde vim saber quem sou nesse momento e para onde seguir a caminhada foi uma possibilidade de fortalecimento como pessoa e como artista. Outra mudança que incorporei a partir da formação em pedagogia Griô foi à costura entre as linguagens artísticas aprender a potencializar e utilizá-las juntas em um mesmo trabalho foi um aprendizado muito importante como atriz. E finalmente a mudança mais significativa que observei foi a possibilidade de incorporar os saberes e os fazeres, junto as diversas linguagens artísticas como ferramentas para aprendizagem da dança e do teatro.

9) A pedagogia griô existe também um envolvimento com a dança, como você relaciona essa experiência também com o trabalho de ator?

Soraia - A dança é linha condutora em minha história de Vida, durante 30 anos me dediquei a estudar essa arte, buscando ir à essência das diversas práticas e técnicas. A

pedagogia Griô é baseada nas diferentes culturas que constituem o Brasil, traz memórias das cantigas, das histórias, das danças e das brincadeiras populares. Ao participar da formação em Pedagogia Griô pude aumentar o vocabulário corporal e aprender diferentes tipos de dança e reaprender a brincar como criança.

10) Quais os benefícios que acredita ter adquirido a partir dessa experiência, como você relaciona essa experiência com o teatro?

Soraia - Inúmeros aprendizados foram adquiridos durante a caminhada Griô, referendar os mestres aprender a ouvir, reconhecer nossa ancestralidade como referência para realizar o nosso trabalho artístico. Acredito que para o trabalho de ator a aprendizagem Griô é fundamental, para que este possa aprofundar-se em seu autoconhecimento, e no conhecimento das diferentes linguagens artísticas, bem como na prática da escuta atenta de si e do outro, no desenvolvimento das relações em grupo e respeito a diversidade étnica e cultural.

11) Você identifica aspectos em que a pedagogia griô pode dialogar com o trabalho de ator? Você pode pontuar aspectos de aproximação e distanciamento?

Soraia - Vários aspectos da Pedagogia Griô podem relacionar-se com o trabalho de ator, como por exemplo nos aspectos de aproximação cito as brincadeiras, o canto, os repentes e improvisos na rima, a espontaneidade do corpo que dança e brinca no centro da roda. Como aspectos de distanciamento acredito que está relacionado com questões mais filosóficas e reflexivas do ator, como por exemplo os questionamentos sobre sua própria ancestralidade e o que isso implica no seu processo criativo na construção dos personagens e no ensino do teatro enquanto prática educativa.

12) A partir de todas as experiências, como você define a pedagogia griô?

Soraia - A pedagogia Griô se constitui como uma nova abordagem em educação, que facilita a aprendizagem das diferentes linguagens artísticas, dança, música, histórias, saberes e fazeres da cultura popular, reconhecendo a diversidade cultural e a valorizando os mestres de

tradição oral da cultura popular afro indígena brasileira. Surge como uma possibilidade de implementação da Lei 10 639, que nos diz da obrigatoriedade da aprendizagem da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Essa lei altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e tem o objetivo de promover uma educação que reconhece e valoriza a diversidade, comprometida com as origens do povo brasileiro. Essa Pedagogia nos aponta uma alternativa para que a escola seja um lugar de construção, não só do conhecimento, mas também da identidade, dos valores, do afeto, das relações de respeito a subjetividade e a alteridade.